

As práticas musicais constituídas pelos alunos nos espaços/tempos fora da sala de aula de um Conservatório

Livia Roberta Oliveira
Universidade Federal de Uberlândia
liviaroberta2005@yahoo.com.br

Resumo: Esta comunicação descreve o atual panorama da pesquisa que está sendo realizada em um conservatório com o objetivo de compreender como os alunos estabelecem relações com a música a partir das práticas musicais constituídas fora da sala de aula nos espaços/tempos dessa escola de música. Para essa compreensão buscamos também levantar e entender essas práticas musicais realizadas pelos alunos nesses espaços/tempos cotidianos; compreender as relações que esses alunos estabelecem com a música, além de considerar como essas possíveis relações com a música e com esse conservatório possam implicar na forma como esses alunos transitam pelos espaços/tempos vividos por eles nessa escola. É uma pesquisa qualitativa fundamentando-se na perspectiva teórica das teorias do cotidiano, nos conceitos de espaço/tempo e concebendo a educação musical como prática social. Alguns dados coletados a partir das observações no campo já apontam para a importância das relações estabelecidas nesses espaços/tempos, bem como o uso dos recursos tecnológicos como celulares na escuta e reprodução de músicas.

Palavras chave: práticas musicais, conservatório, espaços/tempos

1.Introdução

Em 2012 me tornei vice-diretora de um conservatório de música. Essa nova função apresentou-me uma nova realidade no contexto desse Conservatório. Antes de assumir esse cargo já era professora nessa escola, mas quando passei a ocupar a essa função pude andar mais pela escola e, principalmente, ouvir e me atentar mais para o que os alunos pensavam sobre as aulas, sobre as atividades desenvolvidas na escola, sobre os professores. Além disso, tive a oportunidade de participar com frequência dos eventos promovidos pelas diversas áreas¹ do conservatório.

Além das atividades previamente estabelecidas na proposta pedagógica da escola chamou-me a atenção as práticas constituídas pelos alunos. Acredita-se que essas práticas partem dos interesses deles, e são realizadas a partir de suas iniciativas e outras atividades extra-sala de aula, promovidas pelas várias áreas da escola.

¹ Nesse Conservatório chamamos de áreas o agrupamento de professores que lecionam a mesma disciplina. Sendo assim temos as áreas de: piano, teclado, violão, flauta, cordas, musicalização, entre outras.

Tendo em vista essas atividades que acontecem fora da sala de aula pude perceber nos alunos um gosto particular pelo pátio da escola. Durante o recreio, os horários vagos, o início e término dos horários das aulas eles se reúnem para brincar, cantar, tocar, conversar.

Meu interesse também foi despertado quando percebi que alguns deles deixavam de ir para alguma aula para ficarem no pátio ora conversando, ora brincando, ora tocando algum instrumento. Isso fez também com que eu sentisse vontade de ouvir esses alunos, de entender os tipos de música produzem, reproduzem, e as relações que eles estabelecem com e nos vários espaços/tempos desse conservatório.

A partir do exposto era importante refletir e estabelecer algumas relações diante do papel dessas atividades nos vários espaços/tempos do conservatório, fora do que é proposto pela grade curricular. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa, ainda em andamento, é o de compreender como os alunos estabelecem relações com a música a partir das práticas musicais constituídas fora da sala de aula nos espaços/tempos desse conservatório.

Diante de um contexto tão múltiplo, os alunos desse Conservatório se agrupam, se conhecem, estreitam laços em espaços/tempos próprios, sem a interferência de professores e das obrigações da sala de aula. As atividades ali desenvolvidas se constituem em momentos nos quais esses alunos agem com outras lógicas, agem conforme pensam, do que gostam e o que não gostam, constroem, reconstroem suas identidades, seus significados e seus gostos, musicais ou não.

São essas práticas, comuns e rotineiras, que acontecem no conservatório, do lado de fora da sala de aula, que me chamou atenção, mas que, geralmente, nem sempre são vistas ou estudadas.

Sendo assim, as práticas realizadas nesses espaços/tempos no/do Conservatório de Ituiutaba podem levar à compreensão de como os alunos estabelecem relações com a música nessas atividades, contribuindo para um novo olhar não só para essas práticas, mas também para o conservatório.

2. Os espaços/tempos no/do conservatório

O conservatório, onde esta pesquisa é realizada, funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno com aproximadamente 3000 alunos e 130 funcionários. A faixa etária dos alunos que estudam nessa escola vai dos seis anos de idade à adultos e idosos.

A rede física desse Conservatório é de 1.750m² de área construída e 2.500m² de área livre (também chamada aqui de parte externa) são as dependências que não são utilizadas como salas de aula, o que perfaz um total de 4.250m².

É considerada uma infraestrutura adequada e específica, construída segundo algumas necessidades específicas como: salas de aula menores e com tratamento acústico para as aulas de instrumento musical e um terceiro bloco no qual está situado o auditório da escola, de grande importância tendo em vista a quantidade de atividades extra-curriculares.

No espaço do Conservatório, assim como na maioria das escolas específicas de música, pode-se notar uma dinâmica diferente do que a maioria dos alunos está acostumada a lidar em suas escolas de educação básica, quando, por exemplo, os alunos ficam nas salas esperando o professor ir até eles. No Conservatório, essa dinâmica é bem diferente. Desde o primeiro contato do aluno com a escola, ele já é orientado em como se movimentar no espaço da escola. A cada horário o aluno troca de sala, e não o professor. Além disso, os alunos têm horários de entrada e saída diferentes entre eles, de acordo com a necessidade de cada um ou de seu responsável. Em vista dessa diversidade de características de frequência dos alunos na escola, eles vão percebendo que têm autonomia sobre o seu “ir e vir” nos espaços/tempos do Conservatório.

O ir e vir é importante para que certas práticas se constituam no conservatório, bem como a formação de cada aluno como ser social dentro dessa instituição, sendo que a forma como cada um “manuseia” os espaços da escola tem importância direta nas práticas musicais constituídas por cada um nesses espaços/tempos.

Os encontros promovidos nesse Conservatório é um dos aspectos que caracteriza esses espaços/tempos. As relações, as práticas musicais, os encontros cotidianos dos alunos fora da sala de aula na rotina instituída, nos horários de entrada, saída, recreios, muitas vezes, à margem dos olhares da instituição, se modificam à medida que esses sujeitos habitam esses espaços/tempos: menino/menina, criança/adolescente, matutino/vespertino, entre outros.

3. Metodologia

Para estudar essas práticas musicais que ocorrem fora das salas de aulas no conservatório é importante dar visibilidade às manifestações dos alunos ocorridas nos espaços/tempos diversificados, heterogêneos, implícitos, dinâmicos permeados de ação humana objetiva e subjetiva com a música.

É uma pesquisa qualitativa e o método adotado para a realização da mesma é o estudo de caso que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32).

A observação foi o procedimento de coleta adotado até o presente momento. Na perspectiva teórica desta pesquisa um fenômeno social nunca será um olhar solitário, olhamos para aquilo que queremos ver: “Não observamos passivamente, mas estruturamos aquilo que queremos observar utilizando noções que parecem úteis tendo em vista uma observação adequada, quer dizer, que responde ao projeto que temos” (FOUREZ, 2009, p. 38).

As observações foram realizadas nos diversos espaços/tempos do conservatório que acontecem fora da sala de aula, ou seja, nos os horários de entrada, saída, recreio, horários vagos e horários que os alunos deixam de ir para aulas, e lugares como o pátio, os *halls*, os corredores, as escadas.

4. Referencial teórico

Dentre as muitas perspectivas sociológicas o olhar adotado nesta pesquisa tem a ver com as sociologias do cotidiano. Pais (2003) diz que o

quotidiano é o que se passa quando nada se passa, - na vida que escorre, em efervescência invisível - é porque “o que se passa” tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade (“o que passou”), mas também do que nela se flui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa grandes marcas de visibilidade (PAIS, 2003, p. 28).

Assim, partindo de um olhar para as cotidianidades, um olhar para suas insignificâncias, rotinas como perspectiva para se pensar o ensino de música, as Teorias do

Cotidiano se aproximam com possibilidades de compreensão da realidade, dos espaços/tempos do Conservatório, realidade essa permeada de ações rotineiras próprias desse espaço de ensino/aprendizagem musical. No Conservatório apresentam-se diversas cenas, imagens, relatos, práticas pedagógico-musicais, algumas delas enraizadas pela carga simbólica por ser uma escola e outras diferenciadas por se tratar de uma escola específica de música.

Para Souza (2009), o objetivo de uma pesquisa com bases no cotidiano “é ampliar o olhar em relação àquilo que está na superfície e dar visibilidade a práticas pedagógico-musicais ainda ocultas e/ou marginalizadas” (SOUZA, 2009, p. 12).

Diante dessas ideias, este Conservatório em seus múltiplos e variados espaços/tempos de prática pedagógico-musical, destaca-se as tramas encobertas que acontecem nesses espaços/tempos não institucionalizados como sendo de ensino/aprendizagem musical. São relações, são histórias que acontecem nessas “brechas”, dia após dia, no pátio, no corredor, na entrada, na saída, nos horários vagos e no recreio.

Buscar compreender a realidade pelo viés das cotidianidades dos espaços/tempos, a princípio, desprovidos de ações organizadas institucionalmente, parecem adequadas para se pensar a aprendizagem musical na vida cotidiana, implicando em considerar que essas aprendizagens se dão de formas diferentes nas várias sociedades, famílias, instituições.

Além das sociologias do cotidiano aborda-se as práticas sociais como subsídios para se pensar a educação musical. Para Brougère (2012, p. 14) o cotidiano pode, então, ser apreendido como a base, o suporte ou mesmo o fundamento de qualquer prática social. Nesse sentido, para Brougère as práticas sociais estão inseridas em um contexto capaz de oferecer suporte para essas práticas cotidianas, práticas desenvolvidas nesses espaços/tempos da cotidianidade que constroem significados, sentidos para os sujeitos que as praticam.

O aluno do conservatório é visto como um ser social costurado por inúmeras características devidas ao seu contexto sociocultural, o que tem relação direta em suas práticas sociais realizadas no/do cotidiano desses espaços/tempos. Uma perspectiva que se apoia na ideia de educação musical como prática social discutida por Souza (2004).

Os espaços/tempos os quais me refiro nesta pesquisa são aqueles que não estão previstos na grade curricular dos alunos, em suas matrículas. São os horários, momentos que acontecem fora da sala de aula: o recreio, horários vagos, horários de entrada e saída,

momentos entre a troca de horários de uma disciplina para outra, horários burlados (horários que os alunos deveriam estar em sala e ficam fora dela).

Para entender o trânsito dos alunos pelos “espaços e lugares” do Conservatório apoia-se em Bourdieu, um autor que faz distinção entre lugar e espaço social. Lugar, para Bourdieu (1997) é o espaço físico no qual as coisas ocupam. Já o espaço social é o espaço das relações que os indivíduos tecem, estabelecem nos diversos lugares, nos espaços físicos. Sendo assim, o espaço social

se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos *confusa*: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona [...] se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição de bens e serviços (BOURDIEU, 1997, p. 160, grifo no original).

Há, portanto, uma linha tênue entre o tempo, o espaço e as experiências vivenciadas pelos sujeitos centrados em sua própria realidade. É o entrelaçamento desses espaços/tempos e das vivências e ações individuais e coletivas dos alunos que possibilitam à compreensão das práticas realizadas no cotidiano desses espaços/tempos.

5. O que os alunos fazem no Conservatório?

Nas observações já realizadas perceber muitas brincadeiras permeando o universo das crianças em seus horários livres, seja nos horários de entrada e saída, recreio, seja nos horários vagos ou horários que os alunos não vão para suas aulas.

Como já foi mencionado, devido a dinâmica do funcionamento do Conservatório, essas relações sociais, esses momentos de aprendizagem e de trocas de conhecimentos, se estendem para além do recreio. Acontecem também nos horários vagos, nos horários que os alunos “matam aula”, no pátio, nas escadas, no *hall*. A partir das observações realizadas até o momento percebi que não existem atividades diferenciadas entre esses momentos: recreio, horário vago, horário que os alunos “matam”. Quando os alunos têm algum tempo ocioso dentro da instituição, seja ele qual for, as atividades são as mesmas.

Foi observado também entre meninos com idades entre 6 e 12 anos o jogo de bater cartinhas ou figurinhas (conhecido também como *Bafo*), forma como os alunos se referiam à

brincadeira. As cartas trazem impressas diversas imagens, e têm a ver com o que era veiculado na mídia naquele momento.

Também percebi a importância desses jogos, brincadeiras para esses alunos e o quanto aprendem/ensinam com eles e entre eles. Em uma das observações me sentei ao lado dos alunos e comentei que nunca tinha jogado “cartinhas” e pedi para me ensinarem como o jogo funcionava. Um dos alunos me chamou a atenção para um dos companheiros de jogo dizendo que ele era muito bom: “_Olha o tanto de carta que ele tem, ele deve ter uma mágica tia! [(a maioria dos alunos menores me chamam de tia)]” (C.C.², 26 de junho de 2014, p. 7).

De acordo com Brougère (2012) esses alunos “mostram-se assim capazes de fazer do pátio uma ‘microsociedade’, ou mesmo uma ‘cidade’, a se entender por tal um espaço compartilhado de legitimidade para agir e produzir a si mesmo como sujeito social” (p. 73).

Com base no pensamento de Brougère (2012) e nas observações percebe-se como esses alunos aprendem nos espaços/tempos do conservatório, interagem e se agrupam de acordo com seus interesses.

Na maioria das vezes as manifestações musicais nos espaços/tempos fora da sala de aula apareceram nas interações de grupos distintos, ou seja, grupos que aparentemente pertencem a um mesmo gosto musical, como por exemplo, ao *rock*, *pop rock*, ou a música sertaneja/sertaneja universitário/ arrocha. Esses gêneros musicais foram os que mais ficaram evidentes entre o gosto musical dos alunos.

Essas cenas, registradas no C.C., aparecem com maior frequência entre alunos pré-adolescentes e adolescentes, que estão na faixa etária entre 12 e 15 anos.

Já os alunos que apontam um gosto pela música sertaneja não apresentam aparentemente, em sua indumentária, características que indiquem esse gosto musical.

Geralmente os alunos se sentam no chão, nos bancos, em pequenos grupos, ou no final dos corredores em grupos menores para conversarem e tocarem. Muitas vezes nem tocam tanto, mas estar nesse ou naquele grupo mostra a tendência para o gosto musical deles. Embora se, por um lado, em muitos alunos nada indica qualquer preferência musical delimitada, por outro lado, percebe-se o trânsito deles por muitos grupos. Claro que essas são considerações ainda muito superficiais e incipientes que precisam ainda material empírico mais consistente e de análises mais aprofundadas.

² C.C. - abreviatura de Caderno de Campo.

A transmissão musical também é ponto importante destacado nas observações. Com a atual diversidade tecnológica de reproduzir, produzir músicas, consegue-se uma escuta individualizada do que cada um quer ouvir e, ao mesmo tempo, quando se compartilha música com os fones de ouvido, quando dividem uns com os outros o gosto musical, aquilo que cada um quer ouvir, tem-se, também uma escuta que é coletiva.

Devido ao uso das novas tecnologias, muitas práticas musicais dos alunos observadas do Conservatório realizadas fora da sala de aula estão diretamente relacionadas com esses objetos sonoros como o uso do celular, por exemplo, que funciona como aparelho de som, baixa e compartilha músicas, tem internet, *whatsapp*, e outros como *Ipad*, *Iphone*, estes são os objetos mais usados nos horários livres por alunos adolescentes entre 12 a 15 anos.

Durante as observações percebi que o uso desses recursos pelos alunos, aparentemente, predomina mais nessa faixa etária de 12 a 15 anos. Outro momento importante no qual percebe-se a presença da música fora da sala de aula ocorre durante a preparação e durante os eventos promovidos pelo Conservatório. Os alunos envolvidos nesses eventos, principalmente, os de flauta e violão, e algumas vezes os de violino, pela facilidade de carregar seu instrumento, fazem com que o pátio fique “mais musical” durante esses dias.

Os eventos promovidos pela escola, já citados, trabalham com determinado tipo de repertório que é repetido e estudado pelos alunos durante esses dias, que dedilham nos seus instrumentos as melodias das músicas que serão executadas nesses eventos.

6. Considerações finais

Até o momento da pesquisa as relações que os alunos têm com a música fora da sala de aula, em seus horários livres, puderam ser percebidas através das observações feitas e que poderão ser confirmadas ou refutadas mais adiante, depois de entrevistas e análises mais aprofundadas do material levantado.

Percebe-se a importância das relações estabelecidas nesses espaços/tempos para os alunos e o quanto a música e o uso dos recursos tecnológicos pelos alunos, para compartilharem e ouvirem música, estão presentes do dia a dia deste Conservatório.

Pode-se apontar o pátio como um lugar de destaque para as práticas realizadas pelos alunos em seus horários livres no Conservatório. Grande parte das observações foi feita nesse lugar. As brincadeiras de bola, em especial o futebol, o jogo de *Bafo* (bater cartinhas, como

dizem) entre os meninos do turno matutino são rotineiros no dia a dia da escola. Essas atividades foram percebidas em sua maioria nos horários do recreio, horários vagos e horários que os alunos “matam aula”.

É importante salientar que, apesar de nesta pesquisa dirigir o meu olhar para os tempos livres no conservatório, para o que acontece fora da sala de aula, em momento algum questiono ou deixo de considerar a importância do ensino musical que acontece na sala de aula de uma escola específica de música. O que se tem em vista é apurar um olhar para algo que acontece ao nosso redor, em outros espaços/tempos do conservatório que, muitas vezes, é deixado de lado e pouco investigado.

Pesquisar relações com a música que os alunos estabelecem nas/com práticas constituídas fora da sala de aula no Conservatório poderá contribuir para a compreensão dessa instituição, bem como pode desvelar aspectos que envolvem os alunos que frequentam essa escola de música.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In. BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Tradução de: Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise (orgs.). *Aprender pela vida cotidiana*. Tradução de: Antônio de Paulo Danesi. Campinas-SP: Autores Associados, 2012. (Coleção formação de professores).

FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências: as lógicas das invenções científicas*. Tradução de: João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7 a 12.

_____, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Tradução de: Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.